



O Homem Conexcionista na Cultura Empreendedora: uma análise dos discursos autorreferenciais do Impact Hub São Paulo.¹

Marcelo May Spina Junior²

ESPM-SP

Resumo

A partir de teóricos como Boltanski & Chiapello, Nicolau Sevcenko, Byung-Chul Han e Alain Ehrenberg, este artigo traça um breve histórico das mudanças ocorridas no mundo do trabalho desde década de 1990 e o surgimento da "gestão" como instrumento de racionalização das relações sociais e modos de trabalho. Entendendo a existência de certas técnicas e tecnologias (Sevcenko), este artigo propõe uma análise do discurso do Impact Hub São Paulo (IHSP), um novo tipo de empreendimento em que compra-se horas de utilização de um espaço de trabalho. A metodologia e o objetivo propostos buscam analisar como que o próprio IHSP figura este contexto a partir dos discursos autorreferenciais em seu website, trazendo, assim, uma maior reflexão da cultura empreendedora presente na contemporaneidade.

Palavras-chave: Homem Conexcionista, Empreendedorismo, Análise do Discurso, Impact Hub São Paulo.

Introdução

O empreendedorismo, além de seus reflexos na contemporaneidade, é objeto de estudo de diversos autores e estudiosos. Vander Casaqui, por exemplo, deparou-se com o tema ao longo de suas pesquisas sobre o mundo do trabalho e, através de artigos apresentados em congressos e publicados em revistas, trouxe à tona questões de extrema pertinência referentes a esse campo. Uma das principais questões, apontada pelo autor em seu artigo apresentado na Compós de 2014, usando como objeto o projeto "Imagina na Copa", aponta a existência de uma "proposta de

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho COMUNICAÇÃO E CONSUMO: cultura

² Mestrando bolsista do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo (PPGCOM ESPM). E-mail: mmspinajr@gmail.com.



mobilização” (CASAQUI, 2014) dentro do discurso deste objeto que figura o quadro de projetos empreendedores do Brasil. Esta "proposta de mobilização" e engajamento exemplificada por Casaqui através de discursos do Imagina Na Copa estaria enraizada dentro da cultura empreendedora.

Casaqui dialoga com Alain Ehrenberg, o qual estudou o "culto à performance" dentro desta "aventura empreendedora" de uma maneira muito clara para que seja possível entender o funcionamento desta cultura na contemporaneidade. Segundo Casaqui,

Essa disseminação da lógica empreendedora pelas sociedades identificadas com o sistema capitalista tem seus sintomas, suas patologias. Estamos falando do culto à performance, nos parâmetros analisados por Ehrenberg (2010); diante da necessidade de alcançarmos a alta performance em todas as esferas da vida, desde o trabalho até as relações pessoais, passando pela transformação do próprio corpo, tornamo-nos empreendedores de nós mesmos. A competitividade vira regra de forma generalizada, como uma lógica neoliberal que nos coloca em constante vigilância e tensionamento: precisamos ser produtivos, alcançar performances de excelência, nos transformar em mercadorias desejáveis (BAUMAN, 2008, p. 82), devemos assumir a responsabilidade individualizada sobre nossos fracassos, nos parâmetros estabelecidos por essa cultura. (CASAQUI, 2014, p. 7)

Nesse contexto, podemos compreender que, neste artigo, a conexão com a pesquisa de Casaqui se dá na utilização de teóricos e textos que trazem certa historicidade e mudanças no mundo do trabalho que mais contribuíram para a construção do mundo contemporâneo em que a cultura empreendedora está inserida. Assim, após entender a historicidade e mudanças que permitiram a formação desta cultura empreendedora, a partir de autores como Boltanski & Chiapello e Nicolau Sevcenko, será feita uma breve contextualização do "culto à alta performance" e baseada em uma análise das práticas discursivas do Impact Hub SP – um espaço destinado a trabalhos entendidos, dentro desta cultura, como "colaborativos" e "empreendedores".



Quadro teórico

A fim de entender o contexto contemporâneo do mundo do trabalho, cabe trazer aqui o que Boltanski & Chiapello chamam do Novo Espírito do Capitalismo (2009). Porém, baseando-se na própria teoria destes autores, este presente artigo entenderá que o contexto atual situa-se não em um "Novo Espírito do Capitalismo", mas sim no "Espírito Contemporâneo do Capitalismo". Tal mudança de nomenclatura deve-se ao fato de que, conforme os próprios autores discorrem, o modo de produção capitalista é mutável conforme o passar dos anos por sua capacidade de absorver as críticas que são atribuídas a ele.

De maneira geral, os autores traçam como se deu o surgimento do Primeiro Espírito do Capitalismo e como aconteceu sua mutação, ao longo dos anos, até o momento atual em que é possível observar este novo espírito. Porém, é importante entender o conceito de “capitalismo” utilizado como ponto basilar, que seria, segundo Luc Boltanski e Ève Chiapello “a exigência de acumulação ilimitada do capital por meios formalmente pacíficos” (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 35). O que significa o acúmulo de capital mediante práticas econômicas para, novamente, ser reinvestido e gerar um maior acúmulo.

De acordo com os autores citados previamente, existe uma forma de libertação proposta pelo modo de produção capitalista desde o seu surgimento, e este discurso de libertação transforma-se ao passar do tempo e alinha-se às críticas atribuídas ao próprio capitalismo. Essa discussão sobre as críticas ao modo de produção que os autores trazem é essencial para o entendimento do Espírito Contemporâneo do Capitalismo, já que os autores defendem que é justamente por meio dessas críticas que o modo de produção se reinventa com a finalidade de garantir sua própria sobrevivência. Assim, ao adotar a ideia desta "reinvenção" a cada dia, assume-se, portanto, que sempre haverá um "Novo Espírito", o qual será uma reinvenção do Espírito anterior.



Deste modo, a fim de entender a composição deste Espírito, os autores Boltanski & Chiapello basearam-se em textos sobre a gestão empresarial dos anos 1990 que, segundo os mesmos, "passam a imagem de um mundo amplamente reorganizado em relação ao mundo dos anos 60" (BOLTANSKI;CHIAPELLO, 2009, p. 133). Além disso, este seria um movimento que desenhou-se a partir de "inovações organizacionais, invenções técnicas e modalidades administrativas que se sucederam a partir dos anos 80" (BOLTANSKI;CHIAPELLO, 2009, 133).

O ponto de partida desta análise centra-se na recuperação do termo "rede", favorecida, segundo Boltanski & Chiapello, "por uma conjunção histórica especial, marcada notadamente pelo desenvolvimento das redes informáticas que abriram possibilidades de trabalho e colaboração a distância, mas em tempo real" (2009, p. 134). Deste modo, os autores defendem que há uma quebra na maneira como a vida social apresenta-se, não sendo mais na forma de direitos e deveres em relação à comunidade familiar ampliada, mas sim na multiplicidade de encontros e conexões temporárias, traduzindo-se no termo *projeto*³, sendo este uma oportunidade e pretexto para uma conexão, reunindo, temporariamente, pessoas muito diferentes possibilitando (e facilitando) a produção e a acumulação de capital.

Neste contexto de busca por conexões e reuniões temporárias, surge o que os autores chamam de "cidade por projetos", que seria uma cidade baseada, justamente, na formação das redes em busca de um valor próprio – que independe de objetivos. Assim, a mediação torna-se um valor ou uma grandeza específica dentro desta cidade.

Assim, há a concepção do "mundo conexcionista", que seria um mundo em que

os seres têm como preocupação natural o desejo de conectar-se com os outros, de relacionar-se, de estabelecer elos, para não ficarem

³ Neste contexto, entende-se projeto como "um amontoado de conexões ativas capazes de dar origem a formas, ou seja, dar existência a objetos e sujeitos, estabilizando e tornando irreversíveis os laços. Portanto, é um bolsão de acumulação temporário que, sendo criador de valor, dá fundamento à exigência de ampliar a rede, favorecendo conexões" (BOLTANSKI;CHIAPELLO, 2009, p. 135).



isolados. Para que isso dê certo, precisam depositar e inspirar confiança, saber comunicar-se, discutir livremente e também ser capazes de ajustar-se aos outros e às situações, de acordo com o que elas exigem deles, sem serem freados pela timidez, pela rigidez ou pela desconfiança. (BOLTANSKI;CHIAPELLO, 2009, 143).

Dentro deste "mundo connexionista", a partir da análise dos autores com base nos textos de gestão empresarial da década de 1990, traça-se um "perfil ideal" para configurar este Espírito Contemporâneo, definido por Boltanski & Chiapello como "o grande" – é importante ressaltar, neste momento, que os autores abordam esta temática com uma visão crítica, e não incorporam tais discursos em vossa fala, assim, entende-se que "o grande", baseado em vosso estudo, não necessariamente é entendido desta maneira sob a ótica dos autores e, conseqüentemente, tampouco sob a ótica deste trabalho.

"O grande", segundo os autores, seria alguém

adaptável, flexível, capaz de oscilar de uma situação para outra muito diferente e ajustar-se a ela; mostra-se polivalente, capaz de mudar de atividade ou de instrumentos, segundo a natureza da relação na qual entra, com os outros ou com os objetos. Exatamente essa adaptabilidade e essa polivalência o tornam empregável, ou seja, no universo da empresa, em condições de inserir-se num novo projeto. [...] espontâneo, em oposição ao estrategista, cujas manobras são excessivamente visíveis e causam medo. [...] Considera que toda pessoa é contatável, e que todo contato é possível e natural, tratando em pé de igualdade conhecidos e desconhecidos. [...] apoia-se em suas qualidades comunicacionais, em seu temperamento convivial, em seu espírito aberto e curioso. [...] ele está sempre disponível, de humor estável, seguro de si sem arrogância, familiar sem excesso, solícito, tendo mais que oferecer do que esperar. [...] o grande não é somente aquele que sabe engajar-se, mas também aquele que é capaz de engajar os outros, de obter envolvimento, de tornar desejável o ato de segui-lo, porque inspira confiança, é carismático [...] (BOLTANSKI;CHIAPELLO, 2009, p. 141-149)

Conforme exemplificado acima, para estabelecer conexões, o "grande" deste contexto deve ter certa flexibilidade e adaptabilidade. Assim, através de um viés mais da psicologia, podemos trazer Erving Goffman para a discussão e sua teoria sobre a "representação do eu na vida cotidiana". Não há um diálogo direto entre Goffman e o



Espírito Contemporâneo do Capitalismo, mas há uma convergência entre o comportamento esperado deste "grande", que configura tal Espírito, e a descrição desta "representação do eu" por Goffman.

Assim, é válido observar, a partir de Goffman, que o indivíduo apresenta-se sempre sob uma luz favorável, sem deixar, dependendo de seu objetivo, transparecer características que sejam entendidas como negativas na contemporaneidade, ou seja, qualquer característica oposta ao que foi apresentado anteriormente. Porém, a passagem mais pertinente de Goffman que nos interessa, vem a seguir

Notando a tendência de um participante em aceitar as exigências de definição feitas pelos outros presentes, podemos apreciar a importância capital da informação que o indivíduo inicialmente possui ou adquire a respeito dos companheiros participantes, já que é com base nesta informação inicial que o indivíduo começa a definir a situação e a planejar linhas de ação, em resposta. A projeção inicial do indivíduo prende-o àquilo que está se propondo ser e exige que abandone as demais pretensões de ser outras coisas (GOFFMAN, 2014 p. 23).

Ora, se há, segundo Boltanski&Chiapello, um enaltecimento da capacidade de ser flexível e adaptável, entendemos, apoiando-nos em Goffman, que tal modo de agir seria, na verdade, uma falta de autenticidade por parte de quem age desta maneira, pois este cede "às exigências de definição feitas pelos outros presentes". Deste modo, entendemos que a autenticidade em si seria, de fato, dispensável neste Espírito Contemporâneo, já que é a adaptabilidade seria preferível e esperada.

A inserção de Goffman nesta discussão, apesar de possuir uma linha de pensamento da ciência da psicologia, dá respaldo às afirmações de Boltanski&Chiapello pois os sociólogos franceses também trazem algo de semelhante em seu texto ao afirmar que há certas "renúncias" que "o grande da cidade por projetos" exerce, principalmente a renúncia da personalidade.

Subjacente a essas diferentes formas de renúncia, há um sacrifício mais fundamental: o da personalidade no sentido de uma maneira de ser que se manifestaria em atitudes e condutas semelhantes, quaisquer que sejam as circunstâncias. [...] O homem leve sacrifica



certa interioridade e fidelidade a si mesmo, para ajustar-se melhor às pessoas com as quais entra em contato e às situações, sempre mutáveis, em que é induzido a agir (BOLTANSKI;CHIAPELLO, 2009, p. 158)

Neste ponto da discussão, é possível trazer o teórico Byung-Chul Han e o seu conceito sobre "A Sociedade Positiva". Basicamente, e alinhado ao que foi discutido até agora, Han defende a existência de uma "sociedade de transparência", onde as ações são operacionalizadas através de uma certa gestão da vida em que há uma concordância para a tal positividade e, em contra partida, uma resistência ao que seja "estranho", pois este seria "perturbador" e, pior, algo que "retardaria uma comunicação transparente entre os iguais" (HAN, 2013, p. 13 – tradução nossa)⁴. Além disso, esta tal sociedade positiva, descrita por Han, não admite sentimentos negativos, ou seja, sentimentos que estejam desalinhados ao que é considerado positivo e transparente. Han, em seu texto, afirma que a ideologia de privacidade e/ou autenticidade seria, então, ingênua, pois exige-se um abandono da esfera privada que objetiva conduzir a uma comunicação transparente, ou seja, sem ruídos.

O próprio autor faz duras críticas a esta visão da "sociedade positiva" apontando a existência de uma "coação sistêmica" que busca transformar a sociedade em algo "uniformizado", evidenciando, novamente, a falta de autenticidade presente neste cenário contemporâneo. Neste contexto, e ainda em um diálogo próximo a Han, os autores Boltanski&Chiapello trazem uma visão oposta do "grande", colocando o "pequeno" como aquele que é "incapaz de mudar de projeto", ou "inflexível" e "rígido", sendo assim, alguém que conduz ao fechamento da rede. Deste modo, ao fazer um paralelo com a teoria de Han, entendemos que no contexto atual, estes que fogem do padrão estabelecido pela gestão seriam excluídos.

O mundo conexcionista, dentro do Espírito Contemporâneo do Capitalismo, sugere certo alinhamento de condutas e objetivos. A partir da existência deste alinhamento de condutas e objetivos, entende-se que há certa "não-reação" dos

⁴ "retarda la lisa comunicación de lo igual" (HAN, 2013, p. 13)



indivíduos em relação às exigências contemporâneas, o que sugere, segundo estes autores, que estaríamos em uma época de pouca reflexão e mais "entrega" a estes modelos propostos. Tal apontamento baseia-se no pensamento de Nicolau Sevcenko, que, a partir de uma perspectiva histórica e uma metáfora que utiliza uma "montanha-russa", discorre sobre esta tal "aceitação" e "não-reação" na contemporaneidade.

A discussão proposta por Sevcenko é de extrema importância e se dá de maneira clara e objetiva. A princípio, o autor faz uma analogia com a montanha-russa, uma atração típica de parques de diversão. A analogia, explicada na introdução da obra, possui a intenção de demonstrar o quanto o sujeito está à mercê do meio e o quanto dificilmente seria possível, para este sujeito, exercer um controle sobre o meio em que figura. O autor descreve um "passeio" na montanha-russa como se fosse, justamente, um passeio pela vida do sujeito e conclui que a lição da "montanha-russa" seria a compreensão de "o que significa estar exposto às forças naturais e históricas agenciadas pelas tecnologias modernas." (SEVCENKO, 2001, p.13).

Interessa a este artigo mais precisamente a terceira e última fase desta "montanha-russa" que seria, segundo o autor, a do "loop", onde há um clímax tão intenso que "relaxamos nosso impulso de reagir, entregando os pontos entorpecidos, aceitando resignadamente ser conduzidos até o fim pelo maquinismo titânico" (SEVCENKO, 2001, p. 16). E, mais importante, um período em que

A aceleração das inovações tecnológicas se dá agora numa escala multiplicativa, uma autêntica reação em cadeia, de modo que em curtos intervalos de tempo o conjunto do aparato tecnológico vigente passa por saltos qualitativos em que a ampliação, a condensação e a miniaturização de seus potenciais reconfigurem completamente o universo de possibilidades e expectativas, tornando-o cada vez mais imprevisível, irresistível e incompreensível. (SEVCENKO, 2001, p. 16-17).

Basicamente, após fazer este breve histórico, o autor aponta que estamos em uma época em que o sujeito não mais tem forças e/ou interesses para reagir a tais técnicas e tecnologias. E o maior motivo disso seria uma sensação de incapacidade de



reflexões e tomadas de decisão provocadas por uma mudança de extrema constância e agilidade.

De forma consistente, o autor discorre também sobre o papel das críticas em relação às técnicas e o diálogo da sociedade com estas inovações neste contexto, que teriam a função, justamente, de avaliar os efeitos e analisar seus desdobramentos. Assim, entende-se de forma nítida a proposta de Sevcenko: o sujeito na contemporaneidade possui sim um lugar de fala e não seria, supostamente, apenas levado pelo loop da montanha-russa sem reação alguma. Contudo, é necessário que o tal sujeito, através de reflexões, tome consciência disso a fim de escapar do tal "loop" da montanha-russa.

Contudo, a "aceleração do tempo" e as "constantes mudanças" apontadas por Sevcenko, mesmo que o sujeito possa escolher não ser "levado pelo loop", possuem seus reflexos no meio social. Um dos reflexos de grande importância para os estudiosos dos meios de comunicação e das lógicas do meio de produção seria o impacto nas formas de consumo por parte dos sujeitos contemporâneos. Sevcenko aponta que estas alterações tecnológicas fazem com que a avaliação dos indivíduos não seja feita mais a partir de qualidades pessoais e, muito menos, por suas características individuais. São tantas mudanças constantes somadas a um crescimento populacional praticamente exponencial que não haveria mais espaço para a individualidade e a particularidade. Deste modo, a maneira mais prática de identificar e atribuir sentido a cada sujeito no mundo contemporâneo seria "pela maneira como se vestem, pelos objetos simbólicos que exibem, pelo modo e pelo tom com que falam, pelo seu jeito de se comportar" (SEVCENKO, 2001, p. 64). Ou seja, a partir, justamente, do consumo, pois, "em outras palavras, sua visibilidade social e seu poder de sedução são diretamente proporcionais ao seu poder de compra". (SEVCENKO, 2001, p. 64).

Deste modo, o mundo contemporâneo seria um resultado da soma destas duas premissas: sujeitos com o olhar hipertrofiado (1) e um valor simbólico grande dado ao consumo (2). A partir desta composição, Sevcenko conclui que as mercadorias,



dotadas de significados a partir de estratégias de propaganda, passam a ser desejadas pelos sujeitos para que eles possam incorporá-las em seu cotidiano a fim de "irradiar a autoconfiança, o otimismo e o sentimento de superioridade dos que vão adiante do seu tempo, abrindo o caminho com espírito de aventura e alma de exploradores, para os que seguem logo atrás". (SEVCENKO, 2001, p. 68).

Alinhado a essas discussões tanto sobre o contexto contemporâneo quanto o sujeito inserido neste contexto, Alain Ehrenberg discorre sobre o "culto à performance". Olhando a partir da ótica e teoria de Ehrenberg, é possível encontrar pontos de convergência que explicitam o diálogo existente entre estes autores. A tal "entrega" ao movimento, descrita por Sevcenko, potencializa-se se levarmos em conta que, segundo Ehrenberg, a "aventura empreendedora" seria "uma aventura possível para todos [e] um modelo de ser na sociedade" (EHRENBORG, 2011, p. 48-49), colocando o ato de empreender como um objetivo e/ou como sinônimo de sucesso.

No âmbito de "ser bem-sucedido", podemos nos apoiar na racionalidade crítica de Ehrenberg, que coloca em cheque essa noção contemporânea de sucesso em que, a partir de seus estudos baseados em livros de gestão, aponta um direcionamento para "ser si mesmo". Contudo, a partir da clara existência de um direcionamento de conduta no meio social, o autor questiona como seria possível tornar-se "si mesmo", ou seja, "ser bem-sucedido é tornar-se si mesmo tornando-se alguém. [...] vamos sempre do mesmo ao mesmo, mas pela diferença, pela singularização" (EHRENBORG, 2011, p. 50).

Cabe, neste momento, deixar claro também que a figura do "empreendedor" na contemporaneidade descrita por Ehrenberg converge com a figura do homem connexionista descrita por Boltanski&Chiapello.

O empreendedor satisfaz as condições para ser um herói popular porque ele encarna o homem voltado ao futuro, que enxerga no incerto, está engajado na ação arriscada, subverte as hierarquias instituídas, abrindo novos mercados ou lançando novos produtos (EHRENBORG, 2011, p. 61)



Assim, baseando-se na articulação destes autores, é possível observar o objeto de pesquisa a partir de uma Análise do Discurso considerando que existe "uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social" (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91), ou seja, levando em conta que o discurso, sendo moldado pela estrutura social, nos possibilita, assim, entender as estruturas a partir, justamente, do próprio discurso.

A utilização desta metodologia neste artigo justifica-se, também, pelo entendimento dos três efeitos do discurso, discutidos por Norman Fairclough (2001, p. 91) conforme abaixo:

1- A contribuição para a construção de "identidades sociais" e posições de sujeito. Ou seja, ao analisar o discurso do objeto, pode-se entender como posições e identidade sociais são construídas.

2- Contribui para construir relações sociais entre as pessoas. Sendo, assim, um indicativo de quais pilares permeiam as relações sociais por onde tais discursos circulam.

3- Construção de sistemas de conhecimento e crença. O que permite, justamente, entender que tipos de conhecimento e crenças são construídos na semântica desta fala contextualizada – lembrando que o discurso é uma prática social e sua análise deve abranger tanto o texto quanto o contexto do mesmo.

Análise do objeto

O Impact Hub São Paulo é uma das 80 filiais do Impact Hub Global, fundado em 2004 na cidade de Londres, na Inglaterra. A proposta deste modelo de negócio é fornecer um espaço de trabalho onde o diferencial seria a estrutura deste espaço que, com sua arquitetura e design interior, supostamente proporciona um ambiente onde qualquer pessoa pode utilizá-la para trabalhar. De modo sintético, o valor material do Impact Hub (IHSP) seria, justamente, este local de trabalho, mesas, cadeiras, energia, internet, entre outros. Já o valor simbólico, construído por sua publicização e entendido a seguir através da análise de seu discurso, seria tanto a mediação de relações entre trabalhadores (no caso, empreendedores, segundo a lógica deste agente)



e, principalmente, um espaço catalisador de projetos, em que, a partir destas mediações e ambiente interno, promete um aumento na performance de quem frequenta (leia-se "consome") a mercadoria do Hub.

No texto de autoapresentação do ISHP é possível identificar como que o discurso autorreferencial do IHSP alinha-se ao contexto apresentado até então no quadro teórico. Em sua home page⁵, o IHSP destaca a seguinte pergunta "O que é o Impact Hub São Paulo?" e, logo na sequência, dá sua própria resposta:

Uma rede global de empreendedores de impacto. Um espaço de trabalho compartilhado. Um laboratório de inovação. Um centro colaborativo de empreendedores sociais. Nós oferecemos um ecossistema único de recursos, inspiração e oportunidade de colaboração para aumentar o seu impacto. Nossa comunidade diversificada irá inspirar, conectar e permiti-lhe desenvolver o seu melhor trabalho em cada passo do caminho⁶

Dentro deste discurso autorreferencial, encontramos nitidamente a autoapresentação do IHSP como uma "rede global", alinhando-se ao contexto do Espírito Contemporâneo do Capitalismo, abordado por Boltanski & Chiapello. Porém, tal discurso nos remete, também, à oferta de mercadorias intangíveis (ou simbólicas), como "inspiração" por conta da penetração do capitalismo em novas esferas que anteriormente não faziam parte da circulação comercial, além de, também, a mercadorização da mediação entre seus frequentadores/consumidores. Outro ponto de extrema importância e pertinência que aparece nesta passagem é a exigência do aprimoramento e da alta performance (Ehrenberg), mais restrita e explícita à parte da promessa do "desenvolvimento de um melhor trabalho" e, também, o "aumento do seu impacto".

No discurso autorreferencial do IHSP apresentado, encontramos, então, a mercadorização da formação de redes e/ou da mediação entre agentes do campo do empreendedorismo a partir do momento em que exige-se valores monetários em troca

⁵ Disponível em <http://saopaulo.impacthub.com.br>. Acesso em 22 abr 2016

⁶ Ibid.



do acesso ao próprio local e, conseqüentemente, a esta rede – não podemos deixar de ressaltar, também, que o acesso a esta rede e à localidade do IHSP também está atrelada à promessa de uma performance "maior" para seu consumidor, deixando evidente a figuração do ISHP no Espírito Contemporâneo do Capitalismo proposto pelos autores em questão.

A partir do perfil do "grande" no contexto contemporâneo, traçado por Boltanski&Chiapello baseado em textos de gestão empresarial dos anos 1990, podemos encontrar diversos pontos de convergência no discurso do IHSP sobre seu público, começando pela afirmação, nesta própria home page, que "o Impact Hub São Paulo é o espaço de trabalho para indivíduos comprometidos em criar um mundo radicalmente melhor". Outra afirmação alinhada a esta análise seria a de que o IH seria "uma comunidade global de mais de 15.000 pessoas incríveis e inspiradoras". Na sessão "Quem somos", há, também, a seguinte afirmação, alinhando-se à figura descrita acima

Nossos membros são empreendedores, investidores sociais, freelancers, ativistas, criativos, consultores, intraempreendedores atuando em grandes organizações, estudantes, educadores, futuros empreendedores e qualquer pessoa e/ou organização interessada em direcionar suas atividades a uma realidade mais sustentável. [...]Essas são as pessoas que vêm e fazem as coisas de forma diferente. Elas possuem uma paixão empreendedora, competência e vontade de criar um mundo radicalmente melhor. E já estão fazendo isso!

Em um discurso autorreferencial sobre a própria equipe, encontra-se traços da descrição acima alinhadas, principalmente à ideia de que este modelo ideal de indivíduo seja "um líder capaz de inspirar demais a também serem líderes".

O Impact Hub São Paulo é anfitriado e liderado por uma equipe que catalisa a inovação e a serendipidade através de conexões entre membros, encorajando colaborações inter-setoriais, criando espaços de aprendizado, desenhando eventos e programas e apoiando o desenvolvimento das ideias!⁷

⁷ Disponível em <http://goo.gl/LWdfkb>. Acesso em 25 abr 2016.



Há um ponto de convergência entre a teoria de Boltanski&Chiapello e o discurso autorreferencial do IHSP nesta mesma página⁸ sobre a "Equipe" que apresenta-se de maneira muito pertinente. A descrição de cada membro possui termos semelhantes e/ou sinônimos aos termos apresentados pelos autores, como, por exemplo, a apresentação de Cainá Rangel, que seria "um jovem curioso", ou o de Ruy Lopes, que seria um "inovador prático", além de Henrique Bussacos, um "visionário [...], com uma capacidade de agregar pessoas em volta de uma causa, um sonho [ou, nas palavras de Boltanski&Chiapello, em volta de um projeto]. Pablo Handl é apresentado como um "criativo, intuitivo e visionário", e Barbara Stutz seria uma mulher "decidida e com uma personalidade de tirar o fôlego". Por fim, João Vitor Caires está "sempre de bom humor e transbordando energia", o que o possibilita "criar espaços e comunidades colaborativas com enorme sucesso", além de Roberto Rodrigues, que "cuidará de você e sua equipe" por ser "calmo, tranquilo e centrado", sem contar que ele "mantém a prática regular de meditação ativa".

Tal análise e pontos de convergências expostas no parágrafo anterior nos remete a uma importante passagem da teoria de Boltanski&Chiapello onde eles afirmam que a linguagem utilizada na descrição deste mundo conexionista nos leva a duas direções opostas. A primeira seria mais para uma temática da ação sem sujeito, dando mais importância à rede, que seria organizada automaticamente e anonimamente. A segunda, mais importante para este trabalho e, segundo os autores, uma orientação dominante em relação à oposta, nos leva a um "neopersonalismo que não enfatiza o sistema, mas os seres humanos em busca de um sentido". (BOLTANSKI;CHIAPELLO, 2009, p. 151).

Por fim, um pouco mais alinhado ao que os autores Sevcenko e Han trouxeram, encontramos, nestes trechos extraídos do website, traços do que seria a tal "sociedade positiva" e a existência de uma "gestão da vida" que operacionaliza cada uma das ações (ou, no caso, discursos) do próprio IHSP ao resistir, por exemplo, ao

⁸ Ibid. (todas as citações referentes aos integrantes da equipe)



que seja "estranho" ou, no caso, desalinhado ao contexto contemporâneo e às próprias práticas discursivas do próprio Hub. Tal análise legitima-se a partir do entendimento proposto de que a tal "sociedade positiva" não admite sentimentos negativos – e, nestes discursos, não há traços de negatividades, nos fazendo assumir que a ideologia proposta pelo IHSP, onde não há negatividades que trazem a reflexão, seria ingênua.

Ou seja, enquanto não houver questionamentos e reflexões a partir, justamente, das negatividades desta "sociedade transparente" – que é, justamente, o propósito deste artigo – todos os componentes que figuram este campo estariam, supostamente, à mercê do tal "loop" da montanha-russa, ou seja, aceitando, como descreveu Nicolau Sevcenko, ser conduzidos até o fim pelo "maquinismo titânico".

-

Referências

BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO E. **O Novo Espírito do Capitalismo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009

CASAQUI, Vander; RIEGEL, Viviane. **Google e o consumo simbólico do trabalho criativo**. Comunicação, Mídia e Consumo (São Paulo. Impresso), v. 6, p. 161-180, 2009.

CASAQUI, Vander; RIEGEL, Viviane. **Google e o consumo simbólico do trabalho criativo**. Comunicação, Mídia e Consumo (São Paulo. Impresso), v. 6, p. 161-180, 2009.

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social. Brasília: Editora UNB, 2001.

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014

HAN, Byung-Chul. La sociedad de la transparencia. Barcelona: Herder, 2013

SEVCENKO, Nicolau. A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.